

PROFESSOR FORMADOR, MESTRE MODELO?

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de – PUC-SP

PASSOS, Laurizete Ferragut – UNESP

GT-20: Psicologia da Educação

Considerando a importância de estudos que abordem dimensões pouco conhecidas da formação docente, como condições de trabalho, carreira, profissionalização, identidade profissional, delineou-se uma pesquisa que tem como objeto os processos de constituição da profissionalidade do professor formador. Pretende-se investigar: Quem é o professor formador? Como se constitui como pessoa e como profissional? Que imagem faz de si mesmo – ou como vem constituindo sua identidade profissional? Como desenvolve seu trabalho na licenciatura? Quais os principais desafios que enfrenta em seu trabalho?

O formador a que se refere esse estudo é o professor que atua nos cursos de Licenciatura, ou seja, o professor que forma futuros docentes. Conhecer mais de perto quem é esse docente e quais as condições de que dispõe para desenvolver seu trabalho, torna-se essencial, pois como afirma Imbernón (2002, p.63):

Essa formação, que confere o conhecimento profissional básico, deve permitir trabalhar em uma educação do futuro, o que torna necessário repensar tanto os conteúdos da formação como a metodologia com que estes são transmitidos, já que o modelo aplicado pelos formadores dos professores atua como uma espécie de “currículo oculto” da metodologia.

Assim, de acordo com o autor, é fundamental que se investigue as concepções e práticas do professor formador porque não só os conteúdos trabalhados, mas as formas de trabalhá-los e os valores a eles associados vão constituir uma espécie de modelo para o futuro docente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há autores que procuram clarificar o conceito de profissionalidade, como por exemplo Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004). Para esses autores, a profissionalidade é um processo interno, que consiste na aquisição de conhecimentos específicos que são mobilizados nas atividades docentes. Já a *profissionalização* é um processo externo que se refere ao *profissionismo* ou *profissionalismo* e, envolve a reivindicação de *status* dentro da divisão social do trabalho, que requer negociações por grupo de atores no

intuito de reconhecimento perante a sociedade das qualidades específicas, complexas e difíceis de serem aprendidas.

Sabe-se que, como pano de fundo dos estudos e debates sobre a profissionalização do professor, encontra-se a reivindicação do reconhecimento de seu profissionalismo (ENGUIITA,1991) e a busca das marcas de sua identidade profissional. O reconhecimento do profissionalismo dos docentes tem se destacado numa perspectiva de mudança no modo de encarar a profissão, ou seja, diferentemente de períodos anteriores em que se reivindicava a identificação com outras categorias profissionais ou outros trabalhadores, hoje se defende a diferença, ou como Enguita (1991) chama a atenção – “agora se trata de sublinhar e reforçar a diferença” (p.51).

Garcia, Hypólito e Vieira (2005; p. 54) reforçam essa idéia e destacam que as pesquisas voltadas para a questão da identidade profissional e profissionalização docentes focaram, até o momento presente, aspectos unificadores e fundantes dessa identidade. Um caminho produtivo para as pesquisas, segundo esses autores seria um olhar para:

[...] as diferenças, as discontinuidades, as divisões dessa categoria, privilegiando as narrativas dos professores e das professoras a cerca de si mesmos e de seus contextos de trabalho. Não para reificar seus próprios pontos de vista ou tomá-los como a medida mais justa do que de fato acontece, mas talvez para nos aproximarmos da dinâmica contraditória e fragmentada em que estão mergulhados.

Aceitando o desafio, nosso grupo de pesquisa propôs-se a ouvir professores de cursos de Licenciatura de diferentes instituições, em diferentes estágios da carreira, atentando para suas demandas reais, distintas e, muitas vezes contraditórias, como apontado pelos autores acima.

METODOLÓGIA

A principal fonte de coleta de dados da presente pesquisa é a entrevista. Um dos critérios para escolha dos entrevistados é o tempo de experiência no magistério, levando em conta as ponderações de Tardif (2002) de que o saber dos professores é temporal, porque é adquirido no contexto de sua história de vida e de sua carreira profissional. Os entrevistados são professores que se encontram no início, em meados ou no final da

carreira, têm formação básica nas áreas humanas, sociais, exatas ou biológicas e atuam em instituições públicas ou privadas

No presente texto serão apresentados e discutidos dados de duas entrevistas, com formadores da área de Educação Física: um deles do sexo masculino, de um instituição pública federal, no início da carreira e o outro, uma professora formadora, do sexo feminino, de uma instituição comunitária, com mais de 15 anos de experiência, ou seja, numa fase intermediária do ciclo profissional.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Indagado sobre se considera o professor um profissional, o jovem professor, com 26 anos de idade, licenciado em Educação Física, no início de carreira e vinculado a uma instituição pública federal, respondeu:

Depende do que você está chamando de profissional. O meu entendimento é o seguinte: se profissional é aquela pessoa que tem uma formação qualificada, que além desta formação tem um comprometimento e consegue passar esta formação, consegue dar a esta formação uma idéia de qualidade, não uma qualidade mercadológica... Exatamente, por estar preocupado com as questões ligadas a qualidade de ensino, pensando uma carreira acadêmica, ligados a um pensamento de área, ao professor enquanto classe trabalhadora. Neste sentido, pode-se atrelar também a idéia de profissional. O conhecimento de que ele não é sozinho, existem aparelhos sindicais, grupos de associações de professores que entendem o professor como uma profissão. Seria este entendimento.

Na sua concepção do que venha a ser um profissional, o professor destaca a importância de uma boa formação e do necessário comprometimento com o ensino, mas também lembra de uma dimensão mais ampla, qual seja a de considerar o magistério uma categoria profissional, um grupo associativo que tem uma carreira e direitos sindicais.

A professora que se formou em Educação Física, há quase 20 anos e atua numa instituição comunitária também considera que o professor é um profissional. Nas suas palavras: “acho que o professor é um profissional, pois ele tem uma profissão com características próprias que a define como professor”. Indagada sobre quais seriam essas características, a professora afirmou que são características pessoais e profissionais. As características pessoais, segundo ela, são: facilidade de comunicação; paciência, disposição em aceitar as diferenças e trabalhar com as desigualdades Já as características profissionais são: além do domínio técnico (específico da área),

liderança, sensibilidade em avaliar o desempenho do aluno em sala, habilidade em observar como a turma se desenvolve em relação ao planejamento, rigorosidade em seguir a sistematização do que foi acordado no início da disciplina, ou seja, organização didática e ações para levar o aluno à reflexão. A Professora ressalta que uma característica positiva é quando o professor consegue criar uma relação de cumplicidade com os alunos.

Solicitada a dizer se essas características podem ser ensinadas, ela parou para pensar e respondeu que não, pois, segundo ela: *“Elas são desenvolvidas pelo aluno por meio da observação de professores, durante a formação universitária. Portanto, não é um conteúdo ensinado, é um saber construído na formação por meio da incorporação de modelos da profissão”*.

Ao explicar a especificidade da docência, a professora enfatiza o domínio dos saberes pedagógicos e específicos, assim como uma certa capacidade de estabelecer relações inter-pessoais.

Tardif (2005) nos ajuda a analisar estes dados quando destaca *a forte dimensão interativa do trabalho docente*, ou seja, afirma que o trabalho docente repousa quotidianamente sobre inúmeras e variadas interações com os alunos e, também, com os demais atores escolares.

Na fala dos professores formadores apareceu com ênfase a criação da relação de cumplicidade com os alunos como um dos saberes do processo de formação de professores e a criação desta relação desvela a possibilidade de o professor formador constituir-se um modelo para o exercício da profissão docente. Como diz o jovem formador da instituição pública:

Eu acho que é um fator positivo (...), é uma das responsabilidades, mas também um dos motores que me incentiva a cada dia a continuar nesta prática. Eu sou o modelo para um grupo de alunos que estou formando, que eu estou ajudando a formar.

Os depoimentos dos dois docentes revelam uma fonte importante de saber dos docentes-formadores para o exercício da profissão: **os mestres-modelo**. Essa constatação suscita algumas questões: que tipo de saber é esse? Deve-se incorporar esse saber nas propostas de formação docente? Como?

Esse tema foi objeto da tese de doutorado de Ronca (2005, p. 67), que objetivou compreender como a relação mestre-modelo contribui para a constituição da identidade dos educandos. A autora concebe o modelo como “uma fonte de inspiração, apoio ou

parâmetro de recriação”, que instiga o aluno a “construir sua autonomia e a produzir pensamento original”. Segundo ela, seguir o modelo não significa plagiar, mas inspirar-se para construir a própria autonomia e criatividade.

Ronca afirma que discutir a questão dos modelos leva à discussão do papel da imitação. Apoiando-se teoricamente nas formulações teóricas de Vygotski sobre desenvolvimento e aprendizagem, a autora argumenta que “ao atuar na zona de desenvolvimento proximal, a imitação instiga as pessoas a ultrapassarem os limites de suas próprias capacidades e a produzirem em maior abundância” (ibid., p. 68). Segundo ela, a imitação “funciona como uma espécie de patamar necessário para a construção de nossa independência e autonomia”. (ibid., p.69). Essa é pois, uma questão extremamente importante, que merece ser mais explorada nos estudos sobre a formação docente.

CONCLUINDO...

Esses resultados, embora preliminares, indicam que tomar os saberes dos professores formadores como objeto de pesquisa é uma tarefa urgente e importante, pois precisamos conhecer melhor o nosso próprio trabalho, de formadores de futuros docentes, para poder aperfeiçoá-lo. Como afirma Tardif (2002, p. 276) “já é tempo de os professores universitários da educação começarem também a realizar pesquisas e reflexões críticas sobre suas próprias práticas de ensino”. Se não fizermos um esforço de problematização de nossas práticas, se não questionarmos os fundamentos que as orientam e se não tentarmos sistematicamente entender os postulados implícitos dos saberes relativos ao ensino, criaremos um abismo cada vez maior entre aquilo que defendemos e aquilo que praticamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENGUIITA, M.F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 4, p.41-61, 1991.

GARCIA, M. M.A., HYPÓLITO A. M., VIEIRA, J. S. As identidades docentes como fabricação da docência. Educação e Pesquisa, São Paulo, vol 31, n. 1, p. 46-56, 2005.

IMBERNÓN, F. Formação Docente e Profissional. São Paulo, Cortez, 2002, 3ª edição.

RAMALHO, B. L. NUÑEZ, I e GAUTHIER, C. Formar o professor, profissionalizar o ensino. Porto Alegre, Sulina, 2004.

RONCA, Vera F. C. Relações entre Mestre-Educando: Modelos Identitários na Constituição do Sujeito. Tese de doutorado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005, 170 p.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.